

A CIDADE DA GRANITA DE AVELÃ

Localizada entre o sopé de montanhas tímidas e a margem de um rio que quase não se movimenta, ela parece existir num compasso próprio, como se o tempo ali não corresse, mas repousasse. Os moradores, acostumados a essa lentidão, tratam o passar das horas com uma calma que beira o desaforo. "A vida é longa demais para pressa," dizia o padeiro, enquanto moldava pacientemente os pães, como se cada um fosse uma obra de arte destinada a durar décadas, embora terminassem devorados na mesma manhã.

As ruas, feitas de paralelepípedos que não se enfileiravam com exatidão, carregavam o charme de uma história que ninguém parecia lembrar direito. Diziam que, em tempos remotos, a cidade foi um ponto estratégico de comércio, mas os mapas mudaram, e o mundo seguiu para outros rumos. Restaram os armazéns com portas de madeira, agora ocupados por um misto de ateliês e cafés onde se discute tudo, menos política ou religião. "Aqui, a única coisa sagrada é a granita," brincava Dona Giulia, a matriarca do único café que abria antes das sete da manhã.

A granita de avelã, por sinal, era o verdadeiro coração do lugar. Não era apenas uma sobremesa; era um ritual. Durante o verão, as famílias se reuniam na praça central, onde as crianças, ainda com o rosto lambuzado de creme, corriam ao redor de uma fonte que raramente funcionava. "A granita é um pedaço do céu que caiu aqui por engano," dizia o padre, que não raro era visto com um copinho na mão entre um sermão e outro.

Mas a cidade não era só granita. Havia algo mais, algo que os poucos visitantes tentavam compreender sem sucesso. Era a maneira como as pessoas sorriam sem pressa, como se soubessem de um segredo antigo que não podia ser traduzido em palavras. Era a simplicidade da vida, onde o som mais urgente era o sino da igreja, que tocava sem regularidade, guiado apenas pelo humor do sacristão. "Toco quando sinto que a cidade precisa acordar," dizia ele, mesmo que ninguém parecesse dormir de fato.

Num dia qualquer, chegou um jornalista, munido de câmeras e bloquinhos. Ele queria escrever sobre a granita, mas acabou ficando semanas, intrigado pela estranha magia daquele lugar. "Não é só a granita," escreveu ele em seu caderno. "É o jeito como ela é servida, o modo como as pessoas esperam pacientemente na fila, sem pressa, como se estivessem agradecendo ao universo por aquele momento simples e perfeito."

Quando finalmente foi embora, publicou uma matéria em uma revista de circulação nacional. Os turistas começaram a chegar aos poucos, atraídos pela promessa de uma raspadinha que, segundo a revista, "mudava vidas". Os moradores, inicialmente desconfiados, logo perceberam que podiam conviver com os forasteiros, desde que respeitassem as regras não ditas: não ter pressa, não fazer perguntas difíceis, e, acima de tudo, comer a granita com brioche, como manda a tradição.

Hoje, a cidade ainda não é exatamente famosa, mas já não está tão esquecida. Nos fins de semana, a praça central fica mais cheia, e a fonte, por alguma razão misteriosa, voltou a funcionar. Dona Giulia continua no comando do café, o padeiro ainda molda seus pães como esculturas, e o sacristão segue tocando o sino apenas quando sente vontade. A granita, como sempre, permanece perfeita, um pedaço do céu que encontrou, enfim, seu lugar.